

O TRÊS E O QUATRO:

ANÁLISE DE ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DE JUNG SOBRE O TIMEU DE PLATÃO

TITO R. DE A. CAVALCANTI

Jung considera que os símbolos centrais das religiões têm necessariamente uma significação psicológica. As imagens da divindade são portanto significativas quando se reflete sobre a estrutura última da psique. Um terreno privilegiado por Jung, com relação à pesquisa sobre a imagem divina foi a Alquimia. Seu interesse por esse campo foi despertado pelos símbolos que surgiam nos sonhos de seus pacientes, sonhos que traziam imagens de círculos e de quadrados e que apontavam, segundo suas conclusões, para a existência de um paralelismo significativo entre o inconsciente do homem moderno e as afirmações alquímicas, dentre elas a existência de Deus no interior do homem. Para Jung,¹ “os filósofos alquímicos acreditavam que Deus se revelou, em primeiro lugar, na criação dos quatro elementos. Estes eram simbolizados pelas quatro partes do círculo”.... “a quaternidade é uma representação mais ou menos direta de um Deus que se manifesta na sua criação.” É importante frisar que Jung, como psicólogo, não se propõe a fazer qualquer tipo de afirmação sobre a existência de Deus. Sua pesquisa dirige-se para o estudo da imagem de Deus, mais precisamente para a imagem arquetípica de Deus.

Tito R. de A. Cavalcanti é psicólogo e mestrando em Ciências das Religiões na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Jung trabalha duas hipóteses. Por um lado, a alquimia e os sonhos de seus pacientes indicando uma estrutura quaternária para a imagem divina. De outro o dogma cristão da trindade indicando uma estrutura trina da divindade. Questionando o direito da teologia ser a única dona desse terreno, propõe-se a fazer uma interpretação psicológica do dogma da trindade, proferindo uma conferência sobre o tema em 1940, que posteriormente foi revista e publicada sob a forma de livro em 1948, com o título “Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade”. Neste texto, ao buscar as raízes do pensamento trinitário na Grécia, Jung afirma que “o enigmático Timeu de Platão deve ser considerado como a fonte imediata das concepções trinitárias do pensamento grego, mais do que a interpretação numérica dos pitagóricos”². Passa a seguir, a comentar a seguinte passagem do Timeu (31B-32A):

“Por isso mesmo, quando a divindade principiou a formar o corpo do universo, recorreu primeiro ao fogo e à terra. Mas não é possível ligar bem duas coisas sem o auxílio de uma terceira, pois sempre terá de haver entre elas um laço de união. Porém, de todos os laços o melhor é o que por si mesmo e com os elementos conectados constitui uma unidade no sentido amplo da expressão, sendo que faz parte da natureza da proporção geométrica progressiva conseguir esse resultado por maneira perfeita. Sempre que de três números sólidos ou quadrados, o primeiro está para o mediano como o mediano para o último; ou o inverso: o último está para o mediano como o mediano para o primeiro, de tal forma que o mediano se torne, alternadamente, primeiro ou último, e o primeiro e o último, por sua vez, fiquem medianos, segue-se, de necessidade, que todos os termos serão os mesmos, e sendo os mesmos em suas relações recíprocas, formam, em conjunto, uma unidade.”³

Jung afirma que a discussão que segue esta reflexão é da maior importância para a psicologia⁴. Platão constata que a união de um par de contrários como o fogo e a terra através de somente um elemento intermediário, resultando dessa ligação uma proporção geométrica, só ocorre se esses objetos forem bidimensionais. A união de objetos tridimensionais exige dois elementos intermediários. Citando Platão em 32B:

“Ora, se o corpo do universo apresentasse apenas uma superfície plana, sem profundidade, bastaria um meio para ligar seus dois termos com ele mesmo; mas, como o mundo tinha de ser sólido, e como os sólidos são ligados sempre por duas mediedades, não por uma, a divindade pôs a água e o ar entre o fogo e a terra, deixando-os, tanto quanto

possível, reciprocamente proporcionais, de tal maneira que o que o fogo é para o ar, o ar fosse para a água, e o que o ar é para a água, a água fosse para a terra, com o que ligou e compôs a estrutura do céu visível e tangível.”

A união bidimensional não corresponde a uma realidade corpórea, e sim a uma realidade somente imaginada, impossível de se realizar no concreto. Na visão de Jung, trata-se do dilema do três e do quatro aludido no início do *Timeu*, ou seja:

“Sócrates – Um, dois, três... E o quarto hóspede de ontem, meu caro *Timeu*, que hoje deveria agasalhar-me?

Timeu – Adoeceu repentinamente, Sócrates; por ele, não faltaria à reunião.”

Segundo Jung, as desavenças de Platão com seu amigo Dionísio, o Velho, que quase o vendeu como escravo, mostraram-lhe quão difícil é a passagem do plano de conceituação bidimensional para a concretização no plano da tridimensionalidade. As desavenças em Siracusa com Dionísio, o Moço, sobre a passagem de suas idéias sobre o Estado para o plano prático também falharam, e Platão, ainda segundo Jung, desistiu da atividade política, concentrando-se no mundo bidimensional das idéias. Na época da elaboração do *Timeu*, os acontecimentos em Siracusa já haviam ocorrido. Conclui que, já que seria insensato dizer que falta espírito a Platão, o que está ausente em sua concepção é a realização concreta das idéias. Ele tem de se contentar com a “harmonia de estruturas de pensamento aéreas às quais falta peso, e à superfície do papel à qual falta profundidade.” Afirma ainda que “a passagem do número três para o número quatro se choca com o peso, a inércia e as limitações inesperadas e alheias ao mundo do pensamento, que não se deixam esconjurar nem atenuar pelo recurso do (não ser) ou *privatio boni*.”⁵

Jung considera que a descrição que Platão faz do corpo do mundo não corresponde à malícia, à preguiça, à estupidez, à insuficiência, à doença, à idade e à morte, que enchem o magnífico corpo de Deus “bem-aventurado”; alma de um mundo doente, sujeito à corrupção. Platão conclui sua descrição do corpo do mundo em 34B da seguinte maneira:

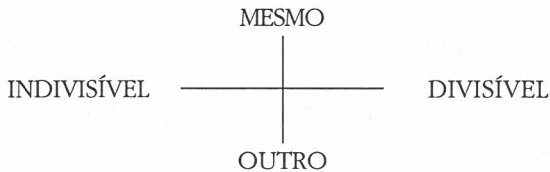
“Por essas razões, a divindade eterna, tendo em mente a divindade que viria algum dia a existir, deixou-a lisa e uniforme, com todas as partes equidistantes do centro, completa e perfeita e composta só de corpos perfeitos. No centro colocou a alma, fazendo que se difundisse por todo o corpo e completasse seu envoltório, depois do que se formou o céu circular com movimento também circular, céu único e solitário, porém capaz,

em virtude de sua própria excelência, de fazer companhia a si mesmo, sem necessitar de ninguém nem de conhecimentos nem de amigos, mas bastando-se a si mesmo. Com todas essas qualidades, engendrou uma divindade feliz.”

É preciso chamar a atenção para uma questão importante: Jung usa o termo Deus sem levar em consideração, aparentemente, que Platão era pagão. Sua concepção difere da idéia que temos em nossa cultura, de uma divindade que cria o universo. Na tradução por ele usada é utilizado termo deus, e na tradução brasileira fala-se de uma divindade. A divindade feliz do final da citação acima, é um deus bem-aventurado na tradução usada por Jung. Essas diferenças são importantes, por exemplo, na compreensão da seguinte passagem de Jung, que vem logo depois da citação de Platão imediatamente acima: “este mundo, criado por um deus, é ele mesmo um deus, filho do pai que se revela”. Como veremos a seguir, o mundo sucedeu a criação da alma do mundo, e como Jung identifica o mundo com um segundo Deus, a partir da afirmação de Platão em 37C, qual seja, “quando o pai percebeu vivo e em movimento o mundo que ele havia gerado à semelhança dos deuses eternos, regozijou-se, e na sua alegria determinou deixá-lo ainda mais parecido com seu modelo”, conclui que a alma do mundo constitui uma imagem revelada e desdobrada de deus. Resumindo, Jung afirma que o deus platônico é trino pois é o pai do mundo, mundo este governado pela alma, alma esta que é trina, como veremos a seguir. Será que esta divindade ou deus pode ser identificada com a imagem de Deus, ou o arquétipo de Deus, que é a preocupação de Jung? Quem cria a alma do mundo é o demiurgo, e Jung nos deixa no escuro quanto ao papel desempenhado por esse personagem. Jung o vê como igual a deus? Toda esta discussão aponta para a questão da necessidade de compreensão do que é a divindade para Platão. Mas nos adiantamos, e é necessário voltarmos para descrever a criação da alma do mundo, que se encontra em 35A do Timeu:

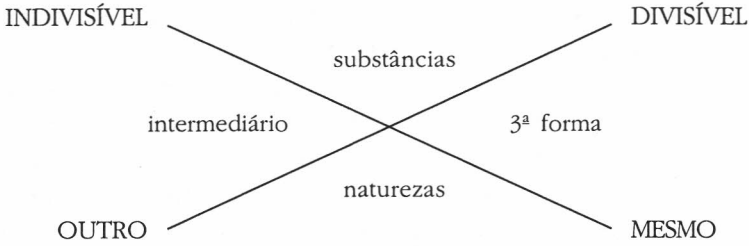
“Fê-la deste modo e dos seguintes elementos. Da combinação entre a substância indivisível que é sempre a mesma, e a divisível que devem nos corpos, compôs a terceira, uma espécie de substância intermediária. Por outro lado, no que diz respeito à natureza do Mesmo e do Outro, compôs também uma espécie intermediária entre a substância indivisível e a substância divisível nos corpos. De seguida, tomando os três, reuniu-os numa forma única, forçando, com isso, a difícil natureza do Outro a misturar-se com o Mesmo.”

Jung considera essa passagem problemática, podendo ser traduzida e comentada de muitas formas. Seu modo de analisá-la é o seguinte: considera interessante o fato de ser necessária duas misturas. Isso demonstra que o divisível não corresponde ao Outro, e o indivisível não corresponde ao Mesmo, já que o divisível não demonstra resistência a unir-se ao indivisível que o Outro revela ao ter de se unir ao Mesmo. Temos então dois pares de opostos, que podem ser visualizados, por exemplo, no seguinte quaternio:



O Outro que tem de se unir à força, corresponde ao quarto elemento que sempre tem de ser imposto pois corresponde, no caso de Platão, à materialidade que resiste à harmonia do puramente pensado. Ao fazer essa afirmação, Jung tem em mente sua teoria das funções da consciência que têm a incumbência de nos orientar psicologicamente em nossos julgamentos. Estas funções são quatro e resumidamente poderiam ser explicadas da seguinte maneira: A primeira, que nos diz se existe alguma coisa é a sensação; a segunda indica-nos em que consiste essa coisa e é o pensamento; a terceira nos diz se tal coisa nos convém ou não, e corresponde ao sentimento; a quarta, que é a intuição, nos diz de onde provém tal coisa e qual o seu destino. Jung afirma que cada ser humano não desenvolve as quatro funções igualmente, sendo que a menos discriminada fica contaminada pelos conteúdos do inconsciente e dificulta sua assimilação pela consciência, ou seja, corresponde ao quarto elemento que precisa ser imposto.

Mas a frase principal, segundo Jung,⁶ para a compreensão da passagem é a que está em 35A e que diz que “ele compôs (uma forma da natureza do mesmo e do outro) no meio do indivisível (e do divisível)”⁷. Pode-se concluir que o intermediário do primeiro par de opostos coincide com o primeiro, e a figura resultante seria um quincux, da seguinte maneira:



Os dois pares de opostos e o intermediário são as três existências citadas na frase seguinte: “Então, tomando essas três existências...”⁸ A união na forma de um quincunx corresponde à união dos quatro elementos num corpo do mundo. Thomas Taylor, citado por Jung,⁹ em seu comentário ao *Timeu* (1804), fortemente influenciado por Proclo, afirma: “Porque esses elementos que estão unidos à sua essência (isto é, da *anima mundi*), segundo uma ordem de sucessão, procedem dela, segundo o poder do *quarto termo* que tem poder procriador, mas retornam a ela, de conformidade com o *quinto termo* que os reduz a um só.” Jung se refere no texto “Psicologia e Religião” ao filósofo da natureza e médico do século XVI Gerardus Dorneus que tem uma visão semelhante à referida acima e que contrapõe a trindade à quaternidade, referindo esta ao demônio. Jung diz que Dorneus...

“rompe com toda a tradição (alquímica) quando, numa atitude rigorosamente cristã, defende o ponto de vista segundo o qual o três é o Uno, e não o quatro, que alcança sua unidade na *Quinta Essentia*. Segundo este autor, a quaternidade é, de fato, *diabolica fraus* (engano do diabo).”¹⁰

Como afirmei antes, os estudos profundos que Jung fez da alquimia influenciaram em alto grau suas idéias. Somos autorizados a pensar que tenta impor a Platão uma compreensão mais tardia da imagem de deus, cunhada principalmente na idade média. Apesar de sua erudição, Jung não é um helenista e portanto não toma os cuidados devidos para não levar para a Grécia concepções que não faziam parte do universo cultural grego, como por exemplo a idéia de deus ou do diabo.

Jung ainda acrescenta que uma outra passagem fala a favor da quaternidade na alma e no corpo do mundo. Refere-se à passagem 36B, quando o Demiurgo divide a mistura que compõe a alma do mundo em duas partes e unindo-as no meio, fazendo surgir a forma da letra X. Unindo as extremidades opostas, dois círculos concêntricos formam-se, e o universo corpóreo é criado dentro desses círculos.

Sendo psicólogo, Jung termina seus comentários afirmando que as idéias que compõem o Timeu não são resultantes de reflexões conscientes de Platão. A presença de um spiritus rector inconsciente pode ter sido responsável pela tentativa de se afirmar uma tetralogia, embora sem sucesso. Fazendo uma interpretação ousadamente selvagem, Jung afirma que a dificuldade em se acomodar o quarto elemento recalcitrante pode ter sido responsável pelo fato de Platão ter permanecido celibatário, numa confirmação da tríade masculina contida em sua concepção de Deus.¹¹

Porém ainda temos a possibilidade de Jung ter visto um alvo e ter errado o tiro. Neste caso, onde está o Mal no Timeu? Alguns autores vêm um dualismo que afirma estar o Mal nos corpos e o Bem na alma. Outros autores identificam o Mal no movimento desordenado da Necessidade, antes da ordenação da Inteligência (Nous). Apesar de tudo, Jung acertou o alvo quando descreve o Timeu como um texto enigmático, e, talvez por isso mesmo, poderíamos acrescentar, um texto praticamente inesgotável em sua capacidade de revelar conhecimento.

NOTAS

1. Jung, C.G. - *Psicologia e Religião*, parágrafos 97 e 101. Ed. Vozes, Petrópolis, 1978.

2. Jung, C.G. - *Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade*, parágrafo 181. Ed. Vozes, Petrópolis, 1979.

3. Platão - *Diálogos*, vol. XI. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará, 1977.

4. Jung, C.G. - *Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade*, parágrafo 182. Ed. Vozes, Petrópolis, 1979.

5. Idem, ibidem, parágrafo 185.

6. Idem, ibidem, parágrafo 189.

7. Jung traduz diretamente do grego. A mesma passagem na edição brasileira é a seguinte: "no que diz respeito à natureza do Mesmo e do Outro", compôs também uma espécie intermediária entre a substância indivisível e a substância divisível nos corpos.

8. Na tradução brasileira o texto é: De seguida, tomando os três...

9. Idem, ibidem, parágrafo 190.

10. Jung, C. G. - *Psicologia e Religião*, parágrafo 104. Ed. Vozes, Petrópolis, 1978.

11. Jung, C.G. - *Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade*, parágrafo 192. Ed. Vozes, Petrópolis, 1979.